

Morreu Mignone, o decano dos compositores do Brasil

Da Sucursal do Rio

O maestro e compositor Francisco Mignone morreu às 5h30 de ontem, no Rio, aos 88 anos. Mignone sofria de câncer no pulmão há dois anos e desde o dia 9 deste mês estava internado no Hospital dos Servidores do Estado (HSE). Contemporâneo de Heitor Villa-Lobos, ele era o mais velho dos maestros brasileiros.

Mignone foi velado no teatro Municipal do Rio de Janeiro, na Cinelândia, centro da cidade, onde se apresentou em público pela última vez em julho do ano passado na série "35 Anos de Música Brasileira". Ao lado da mulher, a pianista Maria Josephina, e do clarinetista Paulo Moura, ele apresentou a primeira audição de sua última composição, a "Pequena Suíte à Antiga". Foi enterado às 17h30 no cemitério São João Batista, em Botafogo, zona sul, ao som de sua música "Cantiga de Ninar", cantada pela cantora lírica Maria Lúcia Godoy: "Canto baixinho uma velha canção de ninar/Ponho com carinho sobre teus olhos a mão devagar/E quando tu dormires cansado/Ficarei toda a noite a teu lado/A ninar, a ninar".

Cerca de 270 amigos e colegas compareceram ao velório e ao enterro do maestro. O escritor Guilherme Figueiredo, seu amigo há cinquenta anos, disse que "a morte de Mignone não pode ser definida". Para a cantora lírica Maria Lúcia Godoy, "Francisco Mignone era o último fidalgo, um orquestrador fantástico e um exemplo de amor à vida. Sua morte abre um hiato na música brasileira". Já o teatrólogo Flávio Rangel, 51, disse que "o maestro era um grande renovador da música brasileira. A bruxa está solta. Primeiro, morreu o Nelson Cavaquinho. Agora, o Adolfo Celi e o Mignone". Para o compositor Carlos Alberto Ferreira Braga, o "João de Barro" ou "Braguinha", 78, a importância de Francisco Mignone em sua obra foi fundamental. "Eu não sei música, faço tudo de ouvido. O maestro fez a orquestração de algumas das minhas músicas. Ele ajudou muitos compositores populares. O Brasil perde um grande compositor, maestro e músico".

Ao morrer, Francisco Mignone deixa duas obras inéditas em fase final de conclusão. A primeira, é a ópera "Maria Louca", que ele começou a compor há seis anos para contar a vinda ao Brasil da rainha Maria 1ª, mãe do príncipe d. João 6º. A outra é a "Cantata Comemorativa ao Centenário da Abolição da Escravatura", encomendada há cerca de três anos pelo então Ministério da Educação e Cultura.



Francisco Mignone falando a uma rádio canadense, em 1968

O inventor do já inventado

LUÍS ANTÔNIO GIRON

Editor-assistente da *Ilustrada*

Imensa e polifacetada, a obra musical de Francisco Mignone representa o último espólio de uma geração de artistas. Companheiro de Mário de Andrade, Villa-Lobos e tantos outros, Mignone viveu mais e, naturalmente, esteve mais exposto às mudanças estéticas e formais que se deram na música erudita contemporânea dos anos 50 até hoje. Mignone percorreu 75 anos de atividade constante, o que lhe permitiu incorporar as tendências mais heterogêneas da arte dos sons. Foi italiano, depois nacionalista, mais tarde dodecafônico. Nesse meio tempo, cometeu pecadilhos imperdoáveis no megatérico ambiente da música erudita brasileira: compôs maxixes endiabrados sob o pseudônimo brejeiro de Chico Bororó — e esta é, quem sabe, sua faceta mais interessante.

No final da carreira, atingiu o estágio em que todos os compositores se encontram no momento: a falta de perspectivas da batalha entre vanguardas experimentalistas e politizadas. Mas ele não pôde optar pelo caminho hoje mais viável, o da mistura crítica de todos os estilos sintetizados no século 20, com humor e consciência performática. Permaneceu na tranquilidade dos mares

formais já percorridos, recorrendo ao amparo que as instituições musicais sempre ofereceram — em troca da adesão total ao "establishment". Não há dúvida de que o papel de Mignone na história da música brasileira é o de um talentoso conservadorismo. Trata-se de uma característica de geração. Ele carregou o peso da herança romântica, e todos os seus ensaios experimentais não passaram de toscas máscaras a encobrir uma puidade estética nostálgica, cheia, aliás, de momentos emocionantes (por exemplo, as "Valsas de Esquina" para piano).

Ouvir obras de Mignone não é muito difícil. Primeiro, porque há vários discos no mercado, inclusive com interpretação do próprio autor, como o que a Funarte lançou no fim do ano passado, intitulado "Maria Josephina e Francisco Mignone, dois Pianos", que gravou com sua mulher. Segundo, porque toda a sua obra parece já ter sido feita antes por algum compositor europeu exótico. O universo de Mignone é aquele das estruturas dadas e palmilhadas por outrem. Mas não seria esta a situação de todos os compositores do fim do milênio? Seja como for, Mignone sentiu esse impasse antes mesmo de ele ter existido. Na sua imaginação, tudo já tinha sido sonorizado.